

Os desafios no estudo da imigração francesa para o Rio de Janeiro

Giselle Pereira Nicolau
Doutoranda em História pela
Universidade Federal
Fluminense.

Resumo: Este estudo apresenta os resultados iniciais da pesquisa sobre a imigração francesa para o Rio de Janeiro. Reflete a desproporção existente entre a pequena relevância quantitativa e a visibilidade da presença desses estrangeiros nos oitocentos e nas primeiras décadas dos novecentos. Discute as especificidades dessa imigração, dialogando com os desafios enfrentados pelo presente trabalho e a relação entre história, memória e arquivos.

Palavras-chave: Imigração; história; arquivo.

Challenges in the study of french immigration in Rio de Janeiro

Abstract: This report presents the initial results of research on French immigration to Rio de Janeiro. It reflects the disparity between the small quantitative relevance and the visibility of these foreigners in the 1800's and early 1900's. Discusses the specifics of this immigration, dialogue with the challenges faced by this work and the relationship between history, memory and archives.

Keywords: Immigration; history; archive.

Introdução

Colégio Francês de F.B., professor da Academia de Paris, Rua do Rosário n. 67. Ensina-se em portuguez e em francês os diversos ramos de instrução, principiando desde as primeiras letras. *Classe de française – Les pères et mères rencontreront dans cet établissement lés mêmes avantages que dans ceux de France, pour l'instruction de leurs enfants* (**Jornal do Comércio, 7 de janeiro de 1850. Anúncios**).

Mudança de casa – Mme. Gault, mestra parteira da Maternidade de Paris, avisa às numerosas pessoas que costumam procurá-la para objetos de sua profissão, que se mudou da Rua da Ajuda n. 50 para a mesma rua n. 21, onde pode ser procurada a qualquer hora (Jornal do Comércio, 12 de abril de 1850. Outros Assuntos).

Théâtre Lyrique Français – Direction de J. Arnaud. Troupe parisienne, aujourd’hui. 3ème representation de Clichperic: opera bouffe en 3 actes e 4 tableaux d’Hervé. Mlle. Rose Marie remplira de role de Frédégonde (Jornal Diário do Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 1871. Espetáculos).

Os anúncios acima destacam a presença dos franceses no cotidiano da Corte. Publicados com constância nos periódicos de grande circulação, eles nos convidam a analisar a imigração francesa e seu impacto na vida social e cultural da cidade do Rio de Janeiro.

Todavia, estudar imigração francesa no Brasil vem sendo um desafio que incita questionamentos por parte de alguns colegas da academia que, surpresos, argumentam acerca da relevância do tema para os estudos históricos. Por associarem esta problemática aos grandes fluxos migratórios do século XIX, subestimam a importância deste grupo, ainda que reconheçam a força de sua presença nos projetos de civilização da elite brasileira e na difusão de gostos, hábitos e costumes.

Segundo Frédéric Mauro, a imigração francesa não deve ser caracterizada em aspectos quantitativos, mas qualitativos (MAURO, 1974, p. 22-23). Ora, vemos, portanto, que tal consideração se aplica ao caso brasileiro, onde apesar do percentual reduzido, a colônia soube se destacar frente às demais etnias devido à influência exercida sobre as elites. Apesar de este ponto ser consensual na historiografia, isto é, o reconhecimento do elemento francês, associado ao refinamento da sociedade brasileira, constatamos que essas narrativas estão repletas de lugares-comuns, associando-os tão somente à moda ou às artes, raramente ao incipiente comércio que se configurava no

Brasil à época.¹ Por essa razão, necessitamos revisitarmos este tema, visando compreender não só o processo em que estes imigrantes estão inseridos, mas suas escolhas e estratégias de vida.

Ao se pensar em imigração, são levantadas inúmeras questões como: por que emigrar? Quais fatores pesaram na decisão da partida? Quais critérios desempenharam na escolha para o novo destino? Como esses estrangeiros se estabeleceram no local escolhido? Quais eram as redes de sociabilidade que possibilitaram a permanência no país eleito? Como sobreviviam? Consideramos que tais questionamentos norteiam o trabalho que pretendemos desenvolver ao longo do doutorado. Evidentemente, trabalhar com dados não muito expressivos, especialmente no que tange à relação entre história e arquivo, vem se tornando um grande desafio, que somente um olhar cuidadoso para o não dito nas fontes nos permite compreender a suposta invisibilidade dos franceses nas documentações.

As políticas e projetos de memória da e/imigração francesa

Nas últimas décadas na historiografia francesa, se configurou um novo tipo de história, mais voltada para a questão memorialística. Como já assinalara François Hartog, tal perspectiva vem como uma solução para os tempos em crise, onde a necessidade de se preservar aquilo que não pode ser esquecido está na ordem do dia (HARTOG, 2013). Acompanhando esse momento de renovação dos estudos históricos, a problemática das migrações foi, de igual modo, contemplada tanto na coletânea *Lugares de memória*, de Pierre Nora (1984-1992), quanto em um dos volumes sobre a História da França, dirigida por André Burguière e Jacques Revel (1989-1994), abrindo possibilidades de análises para os historiadores franceses, que vêm investigando o tema imigração sob a ótica identitária, predominante na França.

Diferentemente do Brasil, em que esta problemática vem lentamente conquistando seu espaço nos debates acadêmicos, na França observamos que o mesmo não se repete. Isso porque o tema da imigração está em voga neste país, que vem se reconhecendo como nação multiétnica que, no passado, exportou imigrantes para outros continentes. Ao longo do século XIX, por exemplo, foram estimulados fluxos

¹ Observamos essa tendência nos trabalhos ligados à História Social da Cultura, em que analisam a influência francesa no Brasil, privilegiando duas vertentes de análise, a saber: o prestígio cultural da França na Corte e a Missão Artística Francesa.

migratórios para Argélia, local que abrigou grande percentual francês, e para as ilhas das Antilhas, contribuindo para o enfraquecimento do fluxo em direção à América.

Neste sentido, François Weil ressalta que, em grande parte das regiões francesas, onde o fluxo emigratório foi predominante, se desenvolveram políticas de preservação da memória anterior à partida. Este movimento, que a rigor é também político, segundo o autor, é possível graças à dinâmica local, à prática da genealogia e ao desenvolvimento de tecnologias de informação e de comunicação. Certamente, tais inovações têm permitido a criação de associações destinadas ao resguardo da memória das migrações na Europa e nas Américas (WEIL, 2005, p. 6).

No Brasil, apesar dos estudos sobre imigração não serem tão numerosos, especialmente no Rio de Janeiro, percebemos um esforço similar, no que diz respeito à memória. A Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), por exemplo, está financiando a organização do centro de memória de imigração da Ilha das Flores, coordenado pelo professor dr. Luís Reznik (FFP/Uerj).

Nos últimos anos, o Arquivo Nacional tem se tornado sede de pesquisas acerca do tema, por meio de projetos que visam não só auxiliar os pesquisadores desta área, mas também pessoas interessadas em saber sobre suas origens. Essas informações estão contidas nas relações de vapores existentes nos fundos da Divisão de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras (DPMAF), podendo ser consultadas através das imagens das relações dos vapores associadas ao Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN) e da base de dados “Entrada de Estrangeiros no Brasil – Porto do Rio de Janeiro”, no período de 1886 a 1914.² Tais fontes possibilitam ao pesquisador informações sobre o porto de saída, o nome completo e seus acompanhantes, profissão e destino. Vemos, portanto, que para além do esforço mnemônico da instituição, há o interesse em ressaltar a característica do Brasil, como um país que ao longo dos oitocentos recebeu um grande fluxo migratório.

Esse conjunto de projetos que visa preservar a memória da imigração demonstra, portanto, a importância que o tema vem alcançando no estado do Rio de Janeiro. Se constatamos uma superabundância de migrantes de origem portuguesa, espanhola e italiana nas listagens de vapores, observamos que o mesmo não se repete com os de origem francesa, sobretudo no fundo documental da Divisão de Polícia Marítima, Aérea

² O projeto acima citado é uma parceria do Arquivo Nacional e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Assinado pela professora dr^a Ismênia de Lima Martins, o mesmo se encontra em sua segunda fase.

e de Fronteiras (DPMAF), que aponta para a reduzida e descontínua entrada de franceses na cidade e no estado do Rio de Janeiro. O que há por detrás dos documentos oficiais?



Nos rastros da documentação oficial: a e/imigração francesa para o Brasil

Do ponto de vista documental, o caso das fontes disponibilizadas pela base de dados do Arquivo Nacional é apenas uma gota no oceano de incertezas que se levantam conforme o andamento da pesquisa. Contudo, não podemos apenas nos basear nos dados quantitativos, como fora assinalado por Frédéric Mauro. Isso se deve ao estágio da pesquisa documental e disponibilização das fontes estatísticas e as particularidades da e/imigração francesa, que a distingue das demais etnias.

É de se destacar que, já nos oitocentos, a preocupação com a falha na documentação relativa à emigração francesa era latente, levando o presidente da Sociedade de Antropologia, Gustave Lagneau, a dedicar um estudo intitulado *L'Emigration de France*, no qual reconheceu a deficiência desses documentos. Driblando os desafios impostos pelas fontes, Lagneau cotejou informações fornecidas pelos passaportes, pelo serviço de emigração, pelas colônias e pelos relatórios consulares, concluindo que os números fornecidos pelos documentos eram inferiores aos dados reais. Somente um olhar cuidadoso como o de Lagneau poderia captar o que havia por trás dos relatos oficiais (BIVAR, 2007, p. 63-64).

Ampliando ainda mais nossa visão acerca do que fora apontado por Lagneau, observamos que a não obrigatoriedade no uso do passaporte a partir da década de 1860 inviabiliza a contagem de dados percebidos desde então. De igual modo, os relatórios de cônsules radicados em outros países demonstram essas falhas, já que nem todos os franceses efetuavam suas matrículas nos consulados locais, dificultando a contagem de imigrantes (BIVAR, 2007, p. 64).

Outro aspecto a ser destacado nas possíveis falhas da documentação é a extrema preocupação em contabilizar os que emigravam pela via marítima, descartando a possibilidade desses migrantes ultrapassarem suas fronteiras, pela via terrestre, tomando o destino do Novo Mundo a partir de outros portos europeus como, por exemplo, em países como Itália, Espanha e Portugal. Isso porque nem todos os portos faziam a

contagem de seus tripulantes. Apenas em Bordeaux,³ Marseille, Havre e Bayonne existiam agentes de polícia encarregados do serviço de emigração (BIVAR, 2007, p. 65).

Conforme apontamos acima, a ausência de imigrantes franceses nas listagens dos vapores pertencente ao fundo documental da Divisão de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras (DPMAF) suscita questionamentos, não só pelas razões apontadas, mas por certo silêncio, para não dizer vazio, em torno deste assunto. Em ensaio publicado para a coletânea *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*, Lessa e Suppo apontam para uma razão pouco difundida nos estudos históricos, o caso da emigração proibida, durante os anos de 1875 a 1908, decorrente da visão pejorativa que se tinha do Brasil na Europa, sobretudo na França (LESSA; SUPPO, 2009, p. 68).

A imagem negativa sobre o Brasil havia sido forjada ao longo do século XIX, por meio de viajantes famosos, como Louis Agassiz e Charles Expilly, que enfatizavam a questão racial e o tráfico de escravos. Somado a este ponto, as péssimas condições de vida e de trabalho em que os estrangeiros estavam submetidos, culminando com os revezes do projeto de colonização na região do noroeste fluminense, foram decisivos para emissão de uma circular proibindo a vinda de franceses para o Brasil.

Tal proibição era acompanhada de forte propaganda na Europa, onde se enfatizava o maior estigma da sociedade brasileira: a escravidão. O governo imperial, o mais interessado na vinda de franceses para o projeto civilizador brasileiro, não tardou em empreender propagandas favoráveis à emigração para o Brasil, veiculando a ideia de país promissor e rico em recursos naturais. Não obstante os esforços, a campanha caiu no vazio, devido à péssima reputação do Brasil em relação ao atraso material, ao sistema escravista e à precária condição em que estavam submetidos os trabalhadores estrangeiros (LESSA; SUPPO, 2009, p. 73).

Se a política de proibição da emigração francesa para o Brasil contribuiu para o baixo quantitativo de imigrantes dessa etnia, a mesma não foi capaz de impedir a discreta entrada desses estrangeiros em solo brasileiro, contribuindo decisivamente para a característica marcante deste tipo de imigração, que ocorria de maneira espontânea.

³ O historiador Jorge Mialhe aponta para a importância do porto de Bordeaux, no contexto das migrações do século XIX, por onde emigravam espanhóis, italianos, alemães e franceses rumo ao outro lado do Atlântico. Ver MIALHE, Jorge. A emigração francesa para o Brasil pelo porto de Bordeaux: séculos XIX e XX. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009. p. 43-65.

No tocante aos dados numéricos da e/imigração francesa, registrou-se que o Brasil, raríssimas vezes, superou algumas centenas de imigrantes franceses, especialmente em 1890, ano importante para a história da imigração no Brasil, alcançando a média de 2.844 estrangeiros no total (LESSA; SUPPO, 2009, p. 68).

As decisões da partida: como e por que sou e/imigrante?

Conforme a historiografia aponta, a segunda metade do século XIX foi um momento emblemático do ponto de vista das migrações, pois demarca um período de grande mobilidade de pessoas em direção ao continente americano, com destaque para a Argentina e o Brasil, devido ao avanço do capitalismo, não apenas em sua forma industrial, mas, sobretudo, na sua forma agrária ou rural, atingindo milhares de despossuídos.

A decisão de emigrar, regra geral, é motivada pelo desejo de melhores condições de vida. Ainda que não exista um consenso sobre este ponto, sabemos que o critério que define o ato de emigrar é a vontade. Sobre este assunto, Léonce Aubé assinala que:

É sempre uma grande e séria resolução para uma família abandonar a terra natal com o objetivo de ir tentar a sorte e buscar uma existência mais feliz a alguns milhares de léguas de distância. Os homens mais firmes hesitam diante desse adeus eterno à pátria, aos parentes (...) Quantos sacrifícios a fazer antes da partida e quantas incertezas. É preciso vender sua propriedade, grande ou pequena, deixar uma parte para as despesas da viagem, enfrentar os perigos de uma longa travessia (...) (DUTOT, 1857, p. 82).

Em artigo publicado na *Revista Annales* de 1945, Abel Châtelain assinalou a importância de cartas, diários e fotografias, documentos que não só captam a subjetividade dos indivíduos, mas que nos apresentam vestígios acerca das decisões da partida, das dificuldades e estratégias de sobrevivência em solo estrangeiro, das redes de sociabilidade que possibilitaram o estabelecimento no destino escolhido. Sem dúvida, esse conjunto documental é raro de ser encontrado, porém, tomando contato com essas fontes, o historiador se depara com as razões para emigrar (CHÂTELAIN, 1947).

No entanto, compreendemos que a existência de agências de emigração nos oferece alguns indícios sobre as decisões da partida. Ao mapeá-las, em seu estudo sobre os imigrantes franceses em São Paulo, Vanessa Bivar constatou a existência de 31 dessas agências, que intermediavam as relações entre a França e os Estados Unidos. Cada uma dessas contava com a figura do agenciador, isto é, um intermediário que agia de acordo com as “demandas por trabalho de um lado, uma população ignorante das condições no país escolhido de outro e uma longa distância pelo meio”. Em tempos de crise econômica, assinala a autora, essa propaganda é intensificada (BIVAR, 2007, p. 66-67).

Sobre as motivações para emigração francesa, Frédéric Mauro considera aceitável a explicação de que as levas migratórias foram ocasionadas pelas crises políticas e econômicas de 1815, 1848 e 1870. Entretanto, um fator indispensável ao nosso entendimento é o fato da França até hoje ser um país agrário. Certamente, os colapsos na agricultura contribuíram para a expulsão de parcelas do campesinato, cuja única solução foi vender suas terras e cruzar as fronteiras em busca de melhores condições de vida e trabalho.

O que caracteriza a emigração francesa é o fato de ela ser fragmentada, por isso não podemos observá-la pela perspectiva macro, mas por meio de um olhar cuidadoso, a fim de compreender suas particularidades quanto às regiões, departamentos e *arrondissements*. Por essa razão, o fluxo de franceses não ocorreu em massa, e sim de maneira dispersa e individualizada, de acordo com as demandas de cada região.

No que tange à escolha pelo Brasil, Mauro considera que as razões da partida estão no prestígio que estes imigrantes recebiam na América Latina:

Certamente, isso pode ser explicado de diferentes maneiras, mas uma das razões parece ser o prestígio da cultura francesa; era tal que criava um *a priori* favorável para qualquer um vindo da França, e o imigrante se beneficiava dessa situação para, rapidamente, se fazer um lugar ao sol (MAURO, 1974, p. 22-23).

Ao analisarmos as motivações da partida dos franceses para o Brasil no século XIX, compreendemos que há duas razões apontadas pela historiografia: o projeto de colonização e as políticas de branqueamento da população brasileira. Sobre o primeiro

ponto, destacamos que no estado do Rio de Janeiro, longe de ser um caso excepcional, especialmente nas áreas do Vale do Paraíba e noroeste fluminense, nas colônias de Santa Rosa,⁴ da Fazenda das Coroas,⁵ de Sapucaia,⁶ da Independência,⁷ de Santa Justa,⁸ de Passa-Três,⁹ recebeu também famílias francesas, algo ainda pouco explorado nos estudos sobre imigração francesa.¹⁰

Se por um lado observamos, no caso da imigração francesa, o malogro do projeto das colônias agrícolas na região fluminense, devido às péssimas condições de vida e de trabalho em que os estrangeiros estavam submetidos, o mesmo não se repete nos meios urbanos, onde desempenharam grande influência na formação do *habitus* das classes dominantes. Por meio dos anúncios publicados em jornais e almanaques de época, tomamos contato com a presença deste grupo atuando nos mais variados serviços.

Em se tratando de matéria paga, os anúncios de jornais funcionam como pistas que nos auxiliam na compreensão da inserção desses estrangeiros na cidade do Rio de Janeiro oitocentista.¹¹ Além de preencherem os “possíveis” vazios documentais, as fontes hemerográficas sugerem, ainda, uma rede de sociabilidades entre estes franceses que, na maioria dos casos, conciliavam ocupações simultâneas, em sociedade com imigrantes da mesma nacionalidade. Um caso interessante é o do cirurgião-dentista formado pela faculdade de Paris, Eugenio Guertin, que dividia as funções em seu consultório na Rua do Ouvidor, 126, com seu sucessor Eugenio Delcambre.¹²

Conforme apontamos mais adiante, na historiografia, os franceses são sempre associados à moda ou às artes, de um modo geral. Todavia, através de um olhar mais cuidadoso para as páginas dos hebdomadários de grande circulação, constatamos que a atuação destes imigrantes se deu em diversos ramos do mundo do trabalho, sobretudo em ocupações mais modestas, como estufadores, açougueiros, cutileiros, maquinistas, bombeiros, marceneiros etc.

⁴ Foi fundada pelo Visconde de Baependy, em 1852.

⁵ Não há informações a respeito dessa colônia.

⁶ Fundada por José Rubens de Castro, em 1856, na região de Campos dos Goytacazes.

⁷ Foi fundada por Nicolau Antonio Vergueira Valle da Gama, em 1852, na região de Valença.

⁸ Não há informações a respeito da colônia de Santa Justa.

⁹ Fundada pelo comendador José de Souza Breves, em São João do Príncipe, no ano de 1855.

¹⁰ Para Vidal e Luca, o insucesso das colônias agrícolas merece atenção dos historiadores. Uma vez de posse das fontes documentais, devemos indagar sobre o destino desses imigrantes: retornaram ao seu país de origem? Viveram em outros locais no país escolhido? Quais profissões adotaram? Casaram-se? Ver VIDAL; LUCA, 2009.

¹¹ Foram consultados até o presente momento os periódicos: Diário do Rio de Janeiro (1850-1878) e o Jornal do Commercio (1850-1890).

¹² *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro*, 1850, p. 297.

Ao cruzarmos as listagens de tripulantes com os anúncios de jornais, constatamos a forte presença masculina, em sua maioria de jovens solteiros, que imigravam em busca de oportunidades. Sabemos que muitos conseguiram se estabelecer no Brasil, retornando para a terra natal, porém nem todos tiveram o mesmo destino, permanecendo em solo estrangeiro. Se muitos mantiveram a vida no anonimato, outros puderam romper o silêncio da história, fazendo fama por meio de anúncios e crônicas publicados nos periódicos de grande circulação.

Conclusão

Como esboçamos acima, a imigração francesa é repleta de paradoxos. Uma colônia formada por um número reduzido de estrangeiros, cuja presença em terra estrangeira modificou costumes, inseriu novos hábitos e influenciou membros de uma elite que se inspirava nas inovações de Paris.

Todavia, não podemos nos furtar aos dados quantitativos, este argumento não pode justificar a ausência de trabalhos na área, haja vista que no Brasil e na América Latina houve migrações de etnias que tiveram inexpressivo percentual e que, no entanto, tiveram o seu lugar nos estudos históricos.

Os possíveis “vazios” documentais têm causas pouco difundidas na história, que estão ligadas a razões políticas do país de origem, que variam desde a não emissão de passaporte à proibição da emigração para o Brasil. Seja no meio urbano ou no meio rural, a presença francesa inseriu esses estrangeiros na dinâmica social brasileira. Alguns gozaram de respaldo na sociedade brasileira dos oitocentos, tendo prestígio junto à elite imperial; outros, porém, se inseriram no incipiente comércio da cidade do Rio de Janeiro, almejando um lugar ao sol, ocupando funções mais modestas, de acordo com as demandas da Corte.

Em síntese, apesar dos desafios, o estudo sobre a imigração francesa se apresenta como uma área que necessita ser revisitada pelos historiadores, que podem trazer novas interpretações, o que já vem acontecendo nos últimos anos. Se na França o tema vem despertando a atenção de demógrafos e historiadores, no Brasil observamos um terreno a ser explorado com novos métodos e abordagens fornecidos pela história.

Referências bibliográficas

Artigos

CHÂTELAIN, Abel. Recherche et enquêtes démographiques: les migrations françaises vers le Nouveau Monde aux XIXe et XXe siècles. *Annales Économies, Sociétés, Civilisations*, v. 2, n. 1, 1947.

MARTINS, Ismênia de Lima. Os portugueses e os “outros” no Rio de Janeiro: relações socioeconômicas dos lusos com os nacionais e demais imigrantes, 1890-1920. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 174, n. 461, p. 13-694, out.-dez. 2013.

MAURO, Frédéric. *Analyse historique des relations économiques entre la France et l’Amérique Latine*. Actes des Journées des Universitaires d’information et de recherche sur la stratégie d’expansion et d’information des entreprises régionales dans les Amériques Latines, 1974.

S. DUTOT. L’émigration. In: _____. *La France et le Brésil*. Paris: Guillaume et Cie., 1857. p. 82.

WEIL, François. (org.). French migration to the Americas in the 19th and 20th centuries as a historical problem. *Studi Emigrazione*, n. 123, set. 1996.

_____. Les français d’Amérique. *Les Annales de Démographie Historique*, 2000a.

_____. Intégration au national et migrations aux Amériques: réflexions sur le cas français. *Collection de l’École Française de Rome*, n. 274, 2000b.

_____. Les migrants français aux Amériques (XIXe-XXe siècles), nouvel objet d’histoire. *Annales de Démographie Historique*. n. 1. Paris: Belin, 2000c.

_____. Les migrations des France aux Amériques: histoire et mémoire. *Migrance*, n. 26, 2005.

Livros

SKIDMORE, Thomas. *O preto no branco*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

VIDAL, Laurent; DE LUCA, Tânia Regina. *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

Teses, dissertações e monografias

BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. *Vivre à St. Paul: os imigrantes franceses na São Paulo oitocentista*. Tese (Doutorado em História), Universidade São Paulo, 2007.